



## O EMÍLIO DE ROUSSEAU: EDUCAÇÃO COMO VIA DE LIBERDADE

Joelson Alves Onofre<sup>1</sup>  
Vital Ataíde da Silva<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Essa comunicação resulta de um trabalho que reúne discussões realizadas pelos seus proponentes em pesquisas distintas que aqui foram reunidas no sentido de propor um diálogo entre duas obras de Rousseau: *As origens das desigualdades entre os homens* e *O Emílio ou da Educação*, buscando estabelecer um diálogo entre dois aspectos do seu pensamento, qual seja: a sua discussão em torno da questão do homem natural, de um lado; de outro, a sua proposta pedagógica. O que visamos aqui é mostrar que esses dois temas se comunicam no pensamento de Rousseau. Sendo uma pesquisa bibliográfica ela se desenvolveu a partir da leitura das obras supracitadas. Elas foram intencionalmente colocadas em diálogo em vista da construção desse nosso trabalho que tem uma abrangência maior. O destaque aqui, contudo, atendendo ao propósito dessa comunicação, é dado ao texto *Emílio ou da Educação*. Rousseau é defensor intransigente do homem natural, criticando nesse âmbito o homem que fora alterado pela sociedade, atribuindo-lhe todo mal que daí advém. A educação que ele propõe na obra educacional mencionada busca enfrentar essa condição à qual chegou esse homem, corrompido em sua liberdade. Sendo assim, o que Rousseau intenta é propor uma educação na e para a liberdade, visando garantir verdadeiramente ao homem a sua condição apropriada.

### A EDUCAÇÃO COMO VIA DE LIBERDADE OU A LIBERDADE COMO VIA DA EDUCAÇÃO

Na obra *Emílio ou da Educação*, Rousseau apresenta um conceito de educação

1 Mestre em Educação – UFBA. Professor Auxiliar na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Endereço eletrônico: jaonofrecp@yahoo.com.br.

2 Mestre em Filosofia – UFBA. Professor Assistente na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Endereço eletrônico: vitalesperanca@hotmail.com.



natural que ele considera fundamental para o desenvolvimento da criança, começando na infância até a fase adulta. Tal educação é considerada por ele um retorno à natureza, isto é, o desenvolvimento de nossas faculdades e de nossos órgãos vem-nos da educação da natureza. Segundo ele, “nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação” (ROUSSEAU, 1999, p. 8). O genebrino visa, portanto, uma educação como meio para ajudar o homem a viver em sociedade, conciliando o homem natural e o homem civil. Esse processo educacional deve contemplar a formação do homem natural e conseqüentemente sua construção enquanto indivíduo.

Segundo Dent (1996, p. 116), “Rousseau sustenta que a educação deve aspirar a não só instilar o saber, mas a formar o coração, o espírito e a capacidade de julgamento”. Do mesmo modo, para Rousseau, a criança deve ser conduzida pelo seu próprio interesse, ou seja, ela própria se instrui e jamais deve ser forçada a realizar algo mediante a imposição do adulto, despertando nela desagrado e certa resistência. Sendo assim, a educação é fator preponderante na formação humana e por isso deve ter início com o nascimento. Para Rousseau (1999), a mãe tem um papel decisivo na educação do filho, salientando que é importante afastar a criança das opiniões alheias. Essa proteção dar-se-á de forma a não impedir que a criança usufrua de sua própria liberdade. É mister lembrar que o sistema rousseauiano de educação se insere na sua concepção de que o homem é bom por natureza e a sociedade é que o corrompe. A liberdade da criança, diante disso, deve ser favorecida desde o seu nascimento e por meio de suas limitações e potencialidades sentir-se-á livre para realizar o que deseja.

Para tanto, Rousseau aponta quatro estágios do homem considerados como necessários, sustentados por características próprias de cada fase de seu desenvolvimento. Embora aqui enfoquemos apenas o estágio infantil. A Educação do homem do nascimento até 2 anos de idade. Recomenda-se uma vida em relação direta com a natureza. A curiosidade será o único meio de aprendizagem para Emílio. A amizade será o sentimento do homem educado. A responsabilidade e o compromisso social virão à tona com a maturidade na vida adulta. Observa-se na idade da natureza uma característica principal na criança que é a sua fraqueza. Como nasce indefesa, não compreende o que se passa ao seu redor. Duas coisas são essenciais à boa educação nesse período, na opinião de Rousseau, segundo Dent (1996), qual seja: o controle da sua zanga e a eliminação dos constrangimentos.

Nota-se que a educação da criança requer certo conhecimento de seu comportamento e desenvolvimento. A maneira como ela será educada influenciará futuramente em seu



caráter. Sobre a liberdade que a criança deve ter, Dent (1996, p. 117) argumenta:

Uma criança é naturalmente inclinada ao movimento, à ação; deve ser-lhe dada liberdade para viver, respirar por si mesma, lidando com o mundo material, o alcance e os limites de seus poderes. Gradualmente, adquirida a experiência em primeira mão de como funciona o mundo, e aprenderá como ele pode ser usado vantajosamente, trabalhando com ele em vez de tentar submetê-lo ao seu comando. O meio ambiente previsível, ordenado em que Rousseau insiste, ajudará o progresso da criança nesse rumo, assim como acalmara seus temores e a constelação de outros sentimentos, sobretudo a sua convicção de que o mundo está perversamente decidido a contrariá-lo.

Essa “liberdade”, à qual Dent se refere, remete a outra questão que Rousseau aponta como crucial. A idade da razão constitui-se momento propício para que a criança possa enfrentar efetivamente o meio onde é educada, já que nessa fase adquiriu aptidão e competência físicas para enfrentar o mundo. Nesse sentido, o educador desempenha um papel fundamental na educação da criança, possibilitando encontrar uma base sólida para que se sinta confiante, segura e respeitada, capaz de sentir-se senhora de si.

A criança deve ser educada com liberdade, sem prisões, visto que todo tipo de educação que mutila a criança em sua liberdade, a torna incapaz. Tal educação é definida como “bárbara”, uma vez que em nome do tempo vindouro suspeito incorre na depreciação do presente, impedindo a criança de gozar de sua felicidade (ROUSSEAU, 1999).

A proposta educacional rousseauniana, portanto, contribui para pensar as atuais práticas pedagógicas, com destaque para o exercício da liberdade, o respeito ao nível de desenvolvimento de cada criança, o atendimento de seus interesses, o desenvolvimento de tarefas diferentes em vista do aprimoramento de suas habilidades e competências, sinaliza Dent (1996).

Nessa direção, tratando da forma de educar as crianças e porque não dizer o homem, José e Falcon (1991, p. 63) observam:

Rousseau apela para a ‘verdadeira natureza do homem’. Em lugar de ensinar a virtude ou a verdade, a educação para Rousseau, é um conjunto de preceitos negativos que visam a preservação do ‘espírito’ e do ‘coração’, ameaçados pelo ‘erro’ e pelo ‘vício’ defendendo os impulsos primitivos da criança da contaminação pela sociedade e pelos intelectuais. Os instintos naturais da criança são corretos e bons. Rousseau coloca em primeiro plano o desenvolvimento das potencialidades da criança e o pleno florescimento da sua personalidade.



No *Emílio ou da Educação*, Rousseau levanta a seguinte questão: educar o homem ou o cidadão. Nesse sentido, Pissarra (2002, p. 59) recomenda:

[...] urge transformar a sociedade. Uma sociedade não corrompida só pode ser criada por homens não-corrompidos e sábios. Trata-se, portanto, de uma transformação coletiva, mas também individual: mudar a sociedade é mudar os homens que as originam [...]. Para haver uma sociedade justa e equilibrada é preciso liberdade; para que esta seja possível são necessários cidadãos virtuosos, que só existem sob o império da virtude.

Esse processo de transformação a que deve passar a sociedade, de fato, é o tema que perpassa toda a obra de Rousseau, sinalizando a necessidade de uma mudança política e moral. O que o filósofo propõe é educar *Emílio* para seguir o curso da natureza para melhor viver em sociedade. E isso só será possível através de uma educação negativa e livre. “Deixa-se a criança livre para se formar por meio de sua própria experiência, sendo a natureza seu melhor preceptor” (PISSARA, 2003, p. 61).

A concepção do homem livre está na base do projeto pedagógico de Rousseau, significando o resgate do homem natural, o qual “[...] vivia livre, tendo como marca da sua existência a liberdade, o que lhe permitia uma vida sem imposições de outros homens, bem como não vivia em função de um outro senão consigo mesmo” (NOGARO; POKOJESKI, 2004, p. 94). Ao acentuar o papel da educação, Rousseau o faz de forma a valorizar a natureza, justamente porque é nessa trajetória que se dá a própria experiência sobre as relações dos homens com as coisas. Essas relações é que irão pautar toda a vida do ser humano na busca pelo conhecimento para caracterizar-se como ser social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida do projeto pedagógico de Rousseau é justamente a crença na boa natureza do homem. A problemática que se coloca é como de conservar essa sua qualidade originária. Rousseau define o homem natural como aquele que se basta a si mesmo. “O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante” (ROUSSEAU, 1999, p. 11). O filósofo genebrino aponta a instituição educacional como a principal responsável pela desnaturação do homem, isto é, retiram sua existência absoluta, dando-lhe uma relativa.



A educação natural preconizada por Rousseau, retratada no *Emílio*, não significa um retorno à vida primitiva, selvagem, isolada, mas sim, afastamento dos costumes da época, principalmente da vida artificial que girava em torno das convenções sociais. Essa educação deve levar o homem a tomar decisões e agir por interesses naturais sem imposições de regras exteriores. Rousseau critica veementemente uma educação voltada apenas para o conhecimento livresco. O homem não é apenas razão, mas é dotado de emoções, sentimentos, instintos. Todos esses elementos têm um significado ímpar para Rousseau, pois mostra que são mais dignos de confiança do que os hábitos do pensamento que a sociedade criou e impõe ao indivíduo. Para Rousseau, a educação do homem começa com o nascimento; antes de falar, antes de ouvir, ele já se instrui. Sendo assim, Nogaro e Pokojeski (2004, p. 94) sustenta que “[...] a primeira educação não vem de fora, mas é pautada no livre enunciado do pensamento, na mais elementar associação por meio do contato com a natureza

**Palavras-chave:** Educação. Liberdade. Educação Natural.

## REFERÊNCIAS

DENT, N. J. H. **Dicionário de Rousseau**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

JOSÉ, Francisco; FALCON, Calazans. **Iluminismo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991. (Série Princípios).

NOGARO, Arnaldo; POKOJESKI, Sueli. O conceito de educação no *Emílio* de Rousseau. **Revista Espaço Pedagógico**. Faculdade de Educação. Universidade de Passo Fundo. vol.11, n. 2, jul/dez – 2004. Rio Grande do Sul, UPF. p. 92 – 110.

PISSARRA, Maria Constança. **Rousseau: a política como exercício pedagógico**. São Paulo: Moderna, 2002. (Coleção Logos).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**. Tradução de Vicente Sabino Junior. São Paulo: José Bushatsky Editor, 1978.



# XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

\_\_\_\_\_. **Emílio ou da Educação.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo:  
Martins Fontes, 1999.